

4-Base de Dados

4.1. A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (DHS Brazil)

A análise empírica desse trabalho é baseada nos dados brasileiros da DHS- “Demographic and Health Surveys”- de 1991 e 1996 também conhecida no Brasil como Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS). A DHS faz parte de um projeto mundial patrocinado pela ‘Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional’ (USAID) com o intuito de coletar dados sobre fecundidade, morbidade infantil e materna, anticoncepção, saúde da mulher, da criança e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em países em desenvolvimento.

Iniciado em 1984, o projeto já foi responsável pela elaboração de mais de 150 pesquisas em aproximadamente 70 países da América Latina, Caribe, África, Ásia e Leste Europeu, beneficiando-se da experiência bem sucedida dos dois projetos predecessores da USAID sobre fecundidade: A Pesquisa Mundial de Fecundidade (World Fertility Survey -WFS) e a Pesquisa sobre Prevalência Anticoncepcional (Contraceptive Prevalence Surveys - CPS).

No Brasil, sua coordenação ficou a cargo da ‘Sociedade Civil Bem Estar Familiar’ (BEMFAM), em parceria com o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por tratar de questões íntimas que podem constranger as mulheres entrevistadas, todas as entrevistadoras são do sexo feminino e especificamente treinadas para fazer uma abordagem na qual a entrevistada pudesse se sentir à vontade para relatar seu comportamento fértil.

Em 1991, a pesquisa cobriu apenas os estados da região Nordeste. Foram entrevistados 6064 domicílios, com 6223 mulheres de 15 a 49 anos. Por outro lado, a base de 1996 possui cobertura nacional e dados de 13283 domicílios e 14597 mulheres. As pesquisas foram amostradas em 2 estágios, levando em conta as informações do Censo e da PNAD. Ambas são representativas para a região Nordeste, assim como para as áreas rural e urbana. Para poder compatibilizar as duas bases, retiro da de 1996 todas as observações de fora da região Nordeste.

4.2. Estatísticas Descritivas

A análise desta dissertação se concentra sobre as mulheres atualmente unidas. Por meio da metodologia de diferenças em diferenças, comparo as intenções de planejamento familiar de mulheres concubinas e mulheres legalmente casadas entre 1991 e 1996.

Além de retirar os domicílios de fora do Nordeste, faço mais dois cortes: Primeiramente, retiro todas as mulheres não unidas, cujas decisões de planejamento familiar se dão em ambientes bastante diversos de mulheres em algum relacionamento estável. Fico, portanto, apenas com concubinas e mulheres legalmente casadas.

O segundo corte se deve à falta de informações detalhadas na DHS sobre a história matrimonial de cada mulher caso ela não esteja em sua primeira união. Como a pesquisa apenas informa o número de uniões prévias e a época de início da primeira união, não há como identificar há quanto tempo uma mulher está unida com o atual marido caso já tenha sido casada no passado. Nesse caso, tampouco conseguimos saber quantos filhos são frutos da união atual. Devido a essa limitação retiro da amostra todas as mulheres com mais de uma união ao longo de sua vida.

A tabela 1 mostra todas as variáveis a serem utilizadas ao longo do artigo, com suas respectivas médias e desvios-padrão após os três cortes. A tabela evidencia a precariedade de infra-estrutura e a pobreza de muitos dos domicílios nordestinos. Vinte e um por cento (21%) deles não possuem eletricidade e vinte e oito por cento (28%) não possuem um banheiro dentro ou no entorno da casa. Quase a metade (47%) não possui geladeira. Em relação às mulheres, 69% delas são pardas, 82% declaram-se católicas e 48% delas trabalham. Em média, elas têm 32 anos de idade, estudaram por volta de 5, se casaram aos 20 e tiveram o primeiro filho um ano depois.

Na tabela 2, desagrego médias de algumas variáveis pelo estado conjugal e histórico de uniões. As mulheres legalmente separadas possuem em média 34 anos, contra 31 anos entre as informalmente separadas e 21 anos entre as que nunca estiveram unidas. Entre as mulheres que permaneciam unidas na época das entrevistas, a maior média de idade é encontrada no grupo das legalmente casadas: 33 anos, contra uma média de 29 anos entre as concubinas.

Tabela 1: Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas

Variáveis dependentes	Obs.	Média	Desv.Padr	Mínimo	Máximo
Número ideal de filhos segundo a mulher	5207	2.80	1.95	0	20
Número ideal de filhos segundo o marido	1515	3.27	2.24	0	18
Mulher já fez cirurgia de esterilização	5283	0.40	0.49	0	1
Controles:					
Desejo por crianças (Reportado pela mulher)					
Marido deseja ter mais filhos do que a mulher	3761	0.25	0.43	0	1
Marido deseja ter menos filhos do que a mulher	3761	0.11	0.32	0	1
Ambos desejam o mesmo número de filhos	3761	0.64	0.48	0	1
Características do Domicílio					
Região de residência	5283	0.65	0.48	0	1
Possui eletricidade	5277	0.79	0.41	0	1
Possui rádio	5276	0.78	0.41	0	1
Possui televisão	5273	0.54	0.50	0	1
Possui geladeira	5276	0.53	0.50	0	1
Possui algum banheiro	5271	0.72	0.45	0	1
Possui água encanada	5276	0.58	0.49	0	1
Chefe do domicílio	5283	0.02	0.15	0	1
Relação com o chefe do domicílio: Esposa	5283	0.87	0.34	0	1
Relação com o chefe do domicílio: Filha	5283	0.06	0.23	0	1
Relação com o chefe do domicílio: Outros	5283	0.05	0.22	0	1
Anos de união	5283	12.02	8.36	0	36
Sexo do chefe do domicílio	5283	0.93	0.25	0	1
Idade do chefe do domicílio	5274	40.27	11.96	16	97
Marido vive junto à mulher	5277	0.96	0.19	0	1
Características da Mulher					
Idade	5283	32.51	8.75	15	49
Raça: Branca	5282	0.26	0.43	0	1
Raça: Parda	5282	0.69	0.46	0	1
Raça: Negra	5282	0.05	0.21	0	1
Religião: Não possui	5282	0.08	0.26	0	1
Religião: Católica	5282	0.82	0.38	0	1
Religião: Evangélica ou Protestante tradicional	5282	0.09	0.28	0	1
Religião: Outras	5282	0.02	0.11	0	1
Sabe ler	5277	0.77	0.42	0	1
Educação em anos de estudo	5281	4.90	4.19	0	17
Assiste à televisão semanalmente	5281	0.72	0.45	0	1
Trabalha	5207	0.48	0.50	0	1
Trabalha em casa ou fora	5207	0.65	0.48	0	1
Migrou nos últimos 5 anos	5263	0.14	0.35	0	1
Anos morando no local de residência	5263	21.02	13.35	0	49
Fecundidade					
Total de filhos já nascidos	5283	3.50	2.95	0	22
Mulher tem dois filhos ou mais	5283	0.75	0.43	0	1
Mulher tem três filhos ou mais	5283	0.54	0.50	0	1
Mulher tem quatro filhos ou mais	5283	0.37	0.48	0	1
Número de partos nos últimos 5 anos	5283	0.75	0.89	0	5
Idade ao primeiro parto	4798	21.00	4.33	11	43
Idade no primeiro casamento	5283	20.05	4.58	8	46
Duração da união na esterilização (agrupado em 5 em 5	2147	2.37	1.08	0	6
Conhece algum método anticoncepcional	5283	0.65	0.48	0	1
Conhece seu ciclo ovulatório	5283	0.39	0.49	0	1
Usa algum método anticoncepcional atualmente	5283	0.65	0.48	0	1
Método anticoncepcional atual: Pílula	5283	0.14	0.35	0	1
Método anticoncepcional atual: Camisinha	5283	0.02	0.14	0	1
Dias desde a última relação sexual	5283	7.64	9.21	0	31
Proporção de mulheres solteiras no cluster	5283	0.30	0.14	0	0.7
Grávida durante a pesquisa	5283	0.08	0.28	0	1
Entrevista					
Presença de crianças menores de 10 anos	5283	0.28	0.45	0	1
Presença do marido	5283	0.06	0.24	0	1
Presença do outros homens	5283	0.04	0.19	0	1
Presença de outras mulheres	5283	0.16	0.37	0	1

Nota: Dados contém apenas casais em algum tipo de relacionamento

Fonte: Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 1991 e 1996 ('DHS Brazil 1991 , 1996')

Aproximadamente 80% das mulheres separadas e das divorciadas encontram-se nas áreas urbanas. Esse número é menor entre as mulheres em relacionamento. A proporção de mulheres em áreas urbanas é de 68% entre as legalmente casadas e de 65% entre as informalmente unidas. Em 1996, essa proporção sobe entre as mulheres casadas, indo de 62% em 1991 para 68% em 1996. No mesmo intervalo de tempo, porém, o efeito oposto é verificado entre as concubinas, cuja proporção de urbanas cai de 72% em 1991 para 65% em 1996.

Várias podem ser as origens desse efeito. Uma hipótese é a de que, ao contrário da base de 1991, focada na região Nordeste, a base de 1996 (nacional) contenha algum desbalanceamento no número de mulheres entrevistadas na área rural, tendo simplesmente entrevistado mais concubinas nas áreas rurais em 1996. Contra tal hipótese podemos argumentar que ambas as bases são construídas de forma a serem representativas para a desagregação entre área urbana e rural, e que não há uma tendência de aumento do desvio padrão para as estimativas da proporção de urbanas entre concubinas e casadas quando se compara a base de 1991 e 1996 (tabela 2). Supondo que não haja desbalanceamento de uma das bases, outros fatores podem ser levantados para se explicar tal efeito. Mulheres casadas podem ter migrado da área rural para a área urbana em uma proporção maior do que as concubinas (ou mulheres concubinas podem ter retornado para o campo em maior proporção), concubinas urbanas podem ter se casado legalmente em uma proporção maior que na área rural ou a instituição do concubinato pode ter se tornado socialmente aceita em uma proporção maior nas áreas rurais. Todas essas hipóteses são levadas em conta para a construção dos exercícios de robustez dos resultados encontrados.

Em relação ao corte pelo número de uniões prévias, inevitável devido à falta de informações que permitissem calcular a duração da união atual, a comparação entre as colunas 6 e 7 (legalmente casadas) e 9 e 10 (concubinas), mostra que concubinas em sua primeira união não diferem muito das concubinas em seu segundo ou terceiro relacionamento, a não ser por serem 5 anos mais jovens e terem menos filhos. O mesmo vale para mulheres legalmente casadas, mas com uma diferença de idade menor, de aproximadamente 2 anos. Nota-se ainda que mulheres em uma segunda união estudaram um pouco menos que as em primeira união, indicando uma possível maior susceptibilidade à dissolução da união para mulheres mais pobres. Não há diferença de padrão entre 1991 e 1996.

Tabela2
Características das mulheres entrevistadas por estado conjugal e ano da pesquisa

	Sem um relacionamento			Engajada em uma Relação					
	Nunca Unida	Divorciada	Informalmente Separada	Legalmente Casada			Concubina		
				Total	Mais de uma vez	Casada uma vez	Total	Mais de uma vez	Casada uma vez
	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<i>Anos: 1991 e 1996</i>									
Idade da entrevistada	21.4 <i>0.12</i>	34.2 <i>0.44</i>	31.5 <i>0.43</i>	33.6 <i>0.13</i>	35.7 <i>0.47</i>	33.4 <i>0.13</i>	29.5 <i>0.23</i>	32.8 <i>0.35</i>	27.5 <i>0.27</i>
Porcentagem de urbanos	0.76 <i>0.01</i>	0.82 <i>0.02</i>	0.80 <i>0.02</i>	0.65 <i>0.01</i>	0.75 <i>0.03</i>	0.65 <i>0.01</i>	0.68 <i>0.01</i>	0.68 <i>0.02</i>	0.67 <i>0.02</i>
Anos de estudo	6.49 <i>0.06</i>	4.91 <i>0.22</i>	4.80 <i>0.17</i>	5.04 <i>0.06</i>	4.05 <i>0.24</i>	5.10 <i>0.07</i>	3.84 <i>0.09</i>	3.51 <i>0.15</i>	4.04 <i>0.11</i>
Porcentagem que possui TV	0.66 <i>0.01</i>	0.66 <i>0.02</i>	0.50 <i>0.02</i>	0.56 <i>0.01</i>	0.55 <i>0.03</i>	0.56 <i>0.01</i>	0.45 <i>0.01</i>	0.45 <i>0.02</i>	0.44 <i>0.02</i>
Total de crianças já nascidas	0.14 <i>0.01</i>	3.33 <i>0.14</i>	2.66 <i>0.11</i>	3.69 <i>0.04</i>	4.08 <i>0.16</i>	3.66 <i>0.05</i>	3.10 <i>0.07</i>	3.99 <i>0.12</i>	2.54 <i>0.08</i>
Partos nos últimos 5 anos	0.07 <i>0.01</i>	0.51 <i>0.04</i>	0.59 <i>0.04</i>	0.71 <i>0.01</i>	0.72 <i>0.05</i>	0.71 <i>0.01</i>	0.90 <i>0.03</i>	0.82 <i>0.04</i>	0.95 <i>0.03</i>
Número ideal de filhos	2.16 <i>0.02</i>	2.35 <i>0.11</i>	2.00 <i>0.08</i>	2.79 <i>0.03</i>	2.69 <i>0.15</i>	2.79 <i>0.03</i>	2.22 <i>0.05</i>	2.39 <i>0.09</i>	2.12 <i>0.06</i>
<i>Ano:1991</i>									
Idade da entrevistada	21.2 <i>0.15</i>	34.0 <i>0.46</i>	28.0 <i>0.78</i>	33.1 <i>0.17</i>	35.5 <i>0.58</i>	33.3 <i>0.16</i>	27.3 <i>0.43</i>	33.2 <i>0.51</i>	29.9 <i>0.35</i>
Porcentagem de urbanos	0.75 <i>0.01</i>	0.81 <i>0.02</i>	0.77 <i>0.04</i>	0.62 <i>0.01</i>	0.72 <i>0.03</i>	0.63 <i>0.01</i>	0.72 <i>0.02</i>	0.72 <i>0.03</i>	0.72 <i>0.02</i>
Anos de estudo	6.32 <i>0.08</i>	4.70 <i>0.22</i>	3.66 <i>0.30</i>	4.84 <i>0.09</i>	3.72 <i>0.28</i>	4.77 <i>0.08</i>	3.95 <i>0.19</i>	3.30 <i>0.22</i>	3.67 <i>0.15</i>
Porcentagem que possui TV	0.72 <i>0.01</i>	0.64 <i>0.02</i>	0.60 <i>0.05</i>	0.58 <i>0.01</i>	0.59 <i>0.04</i>	0.58 <i>0.01</i>	0.51 <i>0.03</i>	0.54 <i>0.03</i>	0.53 <i>0.02</i>
Total de crianças já nascidas	0.14 <i>0.01</i>	3.37 <i>0.14</i>	1.89 <i>0.19</i>	3.86 <i>0.06</i>	4.13 <i>0.20</i>	3.88 <i>0.06</i>	2.64 <i>0.14</i>	4.14 <i>0.18</i>	3.29 <i>0.12</i>
Partos nos últimos 5 anos	0.06 <i>0.01</i>	0.53 <i>0.04</i>	0.68 <i>0.08</i>	0.78 <i>0.02</i>	0.81 <i>0.07</i>	0.78 <i>0.02</i>	0.96 <i>0.05</i>	0.82 <i>0.06</i>	0.90 <i>0.04</i>
Número ideal de filhos	2.25 <i>0.02</i>	2.36 <i>0.12</i>	2.01 <i>0.15</i>	2.94 <i>0.04</i>	2.89 <i>0.17</i>	2.93 <i>0.04</i>	2.25 <i>0.10</i>	2.50 <i>0.14</i>	2.36 <i>0.08</i>
<i>Ano:1996</i>									
Idade da entrevistada	21.58 <i>0.19</i>	36.95 <i>1.37</i>	32.60 <i>0.49</i>	33.86 <i>0.20</i>	36.31 <i>0.82</i>	33.99 <i>0.19</i>	27.56 <i>0.35</i>	32.49 <i>0.48</i>	29.30 <i>0.29</i>
Porcentagem de urbanos	0.77 <i>0.01</i>	0.95 <i>0.05</i>	0.81 <i>0.02</i>	0.68 <i>0.01</i>	0.81 <i>0.04</i>	0.69 <i>0.01</i>	0.65 <i>0.02</i>	0.65 <i>0.03</i>	0.65 <i>0.02</i>
Anos de estudo	6.73 <i>0.09</i>	8.76 <i>0.76</i>	5.15 <i>0.20</i>	5.48 <i>0.10</i>	4.70 <i>0.43</i>	5.43 <i>0.10</i>	4.09 <i>0.14</i>	3.69 <i>0.21</i>	3.95 <i>0.12</i>
Porcentagem que possui TV	0.59 <i>0.01</i>	0.86 <i>0.08</i>	0.47 <i>0.03</i>	0.52 <i>0.01</i>	0.47 <i>0.05</i>	0.52 <i>0.01</i>	0.40 <i>0.02</i>	0.37 <i>0.03</i>	0.39 <i>0.02</i>
Total de crianças já nascidas	0.15 <i>0.02</i>	2.52 <i>0.34</i>	2.90 <i>0.13</i>	3.37 <i>0.06</i>	3.99 <i>0.28</i>	3.41 <i>0.06</i>	2.48 <i>0.10</i>	3.86 <i>0.15</i>	2.97 <i>0.09</i>
Partos nos últimos 5 anos	0.08 <i>0.01</i>	0.19 <i>0.09</i>	0.57 <i>0.04</i>	0.61 <i>0.02</i>	0.55 <i>0.08</i>	0.60 <i>0.02</i>	0.94 <i>0.04</i>	0.82 <i>0.05</i>	0.90 <i>0.03</i>
Número ideal de filhos	2.04 <i>0.03</i>	2.10 <i>0.32</i>	2.00 <i>0.09</i>	2.58 <i>0.04</i>	2.30 <i>0.26</i>	2.57 <i>0.04</i>	2.04 <i>0.07</i>	2.30 <i>0.12</i>	2.13 <i>0.06</i>

Nota : Médias de cada característica aparecem em negrito, e desvios padrão em itálico.

Fonte: Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, 1991 e 1996.

A tabela 2 evidencia também um movimento de melhora da escolaridade entre as coortes mais novas da população feminina do Nordeste. Entre 1991 e 1996, há um aumento da média de anos de estudo para mulheres de todos os estados conjugais, independentemente do número de uniões prévias. Nas duas pesquisas, são as mulheres não unidas, que representam as coortes mais novas (21 anos em média), que detém a maior média de anos de estudo (excluindo as divorciadas de 1996): 6,3 anos em 1991, e 6,7 anos em 1996.

A escolaridade média de mulheres casadas é maior do que a das concubinas em ambos os anos pesquisados. Enquanto as mulheres legalmente casadas estudaram em média durante 5 anos, as informalmente unidas permaneceram na escola apenas durante 3,84 anos em média.

4.3. Variáveis de Planejamento Familiar

A primeira variável de interesse é o número ideal de filhos reportado pelas mulheres. Para as que não possuem filhos, foi feita a seguinte pergunta: “*Se pudesse escolher exatamente o número de filhos que teria em toda sua vida, que número seria esse?*”. Mulheres com filhos vivos responderam a uma pergunta ligeiramente diferente, na qual são convidadas a fazer a mesma escolha caso não tivessem engravidado antes: “*Se pudesse voltar atrás, para o tempo em que não tinha nenhum filho, e pudesse escolher o número de filhos para ter por toda a vida, que número seria esse?*”. Apesar de aparentemente subjetiva, tal variável é bastante usada na literatura de demografia. Pritchett (1994) e Bankole e Westoff (1998) mostram que ela é um poderoso preditor da fecundidade futura.

As respostas a essas perguntas estão sumarizadas na tabela 3. Entre 1991 e 1996, percebe-se aumento da preferência por famílias menores, tanto pelas concubinas quanto pelas legalmente casadas. Nos dois grupos, a moda é de dois filhos. Percebe-se ainda que as concubinas desejam formar famílias menores que as das casadas: Doze por cento (12%) delas não desejam ser mães e dezesseis por cento (16%) querem apenas um filho. Já entre as casadas, a proporção de mulheres desejando famílias com três filhos ou mais chega a quarenta e seis por cento (46%), número quase duas vezes superior ao encontrado entre as concubinas, de vinte e quatro por cento (24%).

No Nordeste brasileiro, os dois métodos mais populares são a pílula anticoncepcional e a esterilização feminina. No painel B da tabela 3 são mostradas as distribuições do uso de anticoncepcionais de mulheres concubinas e mulheres legalmente casadas. O percentual de mulheres que não fazem uso de nenhum método anticoncepcional é maior entre as concubinas, assim como o das que fazem uso da pílula. Outros métodos de anticoncepção como a camisinha, diafragma e esterilização masculina são usados em proporções semelhantes pelos dois grupos.

Tabela3
Estatísticas descritivas: Número ideal de filhos e método anticoncepcional

	Concubinas			Formalmente casadas		
	1991	1996	1991+1996	1991	1996	1991+1996
<i>Número ideal de filhos</i>						
Nenhum filho	9.5	13.0	11.7	5.3	8.2	6.5
Um	14.4	16.9	15.9	7.6	10.6	8.8
Dois	48.3	46.6	47.2	37.4	39.6	38.3
Três	14.1	14.4	14.3	23.4	21.9	22.7
Quatro ou mais	13.8	9.2	11.0	26.3	19.8	23.6
Total	100	100	100	100	100	100
Número de observações	327	522	849	2,582	1,776	4,358
<i>Método Anticoncepcional atual</i>						
Não usa nenhum método	50.0	42.9	45.6	36.5	28.1	33.1
Esterilização feminina	24.0	27.7	26.3	40.6	46.4	43.0
Pílula	18.6	17.3	17.8	13.4	12.9	13.2
Camisinha/Esterilização masculina	1.2	3.2	2.4	1.6	3.9	2.6
Outros ^{nota3}	6.3	8.9	7.9	7.8	8.7	8.2
Total	100	100	100	100	100	100
Número de observações	334	527	861	2,626	1,796	4,422

Nota 1: A tabela inclui apenas mulheres casadas e concubinas em sua primeira união

Nota 2: Cada coluna apresenta a distribuição do número ideal de filhos e do uso de métodos anticoncepcionais utilizados pelas mulheres em cada subgrupo e ano. Por exemplo, 50% das mulheres em uniões informais não utilizavam qualquer método anticoncepcional em 1991.

Nota 3: Outros métodos anticoncepcionais incluem a abstinência periódica, coito interrompido, diafragma, espuma espermicida, DIU, injeções e outros métodos não identificados

Fonte: Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde 1991 e 1996

Quando condicionamos o uso de anticoncepcionais ao número de filhos de cada mulher, percebemos a forte substituição do uso da pílula pela esterilização à medida que o número de filhos vai aumentando. O percentual de mulheres esterilizadas que possuem menos de 2 filhos com o atual companheiro é próximo de zero. A maioria dessas mulheres não usa método anticoncepcional algum, e aproximadamente 27% delas faz uso da pílula anticoncepcional.

Entre as mulheres com exatamente dois filhos da união atual, o percentual de esterilizadas salta para uma média de aproximadamente 30% entre as concubinas e 40% entre as casadas. Enquanto isso, a proporção de mulheres que faz uso da pílula cai para 19% entre as concubinas e 16% entre as casadas. Os dados da tabela 4 sugerem que a pílula pode servir como o método mais usual para espaçar as gravidezes enquanto não se atinge o número desejado de filhos. Uma vez atingido esse número, vem a esterilização.

Como mostra a tabela, a proporção de mulheres esterilizadas salta de um patamar próximo de zero para mais de 30% após a segunda gravidez. Esse salto se deve ao fato de que, até novembro de 1997, devido a uma restrição legal, o Sistema Único de Saúde não era autorizado a pagar as cirurgias de laqueadura

tubária. Para driblar essa restrição, disseminou-se a prática de embutir os custos da laqueadura no total dos custos da cirurgia cesariana. Aproveitando-se de uma brecha no Código de Ética Médica que permitia a esterilização caso futuras gravidezes trouxessem risco de morte para a mulher, disseminou-se a prática de se realizar a cirurgia logo após a cirurgia cesariana, desde que a mulher estivesse pelo menos em sua segunda gravidez.

Tabela 4
Método anticoncepcional atual e número de filhos com o atual marido

	Concubinas			Formalmente casadas		
	1991	1996	Total	1991	1996	Total
<i>Menos de dois filhos com parceiro atual</i>						
Não usa método algum	64.2	56.2	59.4	58.2	47.6	54.0
Esterilização feminina	0.0	3.0	1.8	1.5	1.5	1.5
Pílula	26.9	27.6	27.3	24.9	30.3	27.1
Camisinha/ Esterilização masculin:	2.2	5.4	4.2	3.0	6.7	4.5
Outros ^{nota3}	6.7	7.9	7.4	12.4	13.9	13.0
Total	100	100	100	100	100	100
Número de observações	134	203	337	598	403	1001
<i>Dois filhos com parceiro atual</i>						
Não usa método algum	41.7	36.6	38.2	29.4	22.0	26.2
Esterilização feminina	26.7	31.3	29.8	41.4	45.6	43.2
Pílula	25.0	16.0	18.9	16.6	15.2	16.0
Camisinha/ Esterilização masculin:	0.0	3.1	2.1	3.0	6.1	4.4
Outros ^{nota3}	6.7	13.0	11.0	9.6	11.1	10.3
Total	100	100	100	100	100	100
Número de observações	60	131	191	500	395	895
<i>Mais de dois filhos com parceiro atual</i>						
Não usa método algum	40.0	33.2	36.0	30.3	22.7	27.3
Esterilização feminina	45.7	51.3	49.0	55.7	64.8	59.3
Pílula	7.9	7.3	7.5	7.9	5.0	6.7
Camisinha/ Esterilização masculin:	0.7	1.0	0.9	0.7	1.9	1.2
Outros ^{nota3}	5.7	7.3	6.6	4.9	4.6	4.8
Total	100	100	100	100	100	100
Número de observações	140	193	333	1528	998	2526

Nota 1: A tabela inclui apenas mulheres casadas e concubinas em sua primeira união

Nota1: Cada coluna mostra a distribuição do uso de métodos anticoncepcionais para cada subgrupo especificado.

Nota3: Outros métodos anticoncepcionais incluem a abstinência periódica, coito interrompido, diafragma, espuma espermicida, DIU, injeções e outros métodos não identificados

Fonte: Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde 1996 and 1991

No nordeste, apesar de ilegal (Brasil, 1997-a), a prática da esterilização se tornou amplamente disseminada entre a população mais pobre a partir da década de 1980 (Perpétuo e Wajman, 2005; Caetano e Potter, 2004). Em muitos lugares, a realização desse tipo de cirurgia era inclusive incentivada por políticos locais, principalmente em anos eleitorais (Caetano e Potter, 2004). A praxe de embutir os custos da cirurgia de ligação de trompas nos procedimentos da cesariana, segundo Berquó (2003) e Perpétuo e Wajman (2005) leva a um aumento desnecessário do número de partos por cesarianas, elevando o risco de morte da mãe.